PERFIL DEMOGRÁFICO E EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS

Isabela Luiza Machado (PROVIC), Jacques Magnos Canossa Mantey, Erildo Vicente Muller(Orientador), e-mail: erildomuller@hotmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Enfermagem e Saúde Pública.

Epidemiologia, Saúde Coletiva.

Palavras-chave: HIV/AIDS, mulher, epidemiologia.

Resumo

Justificativa e Objetivo: Em países subdesenvolvidos como a África, mulheres jovens possuem o dobro de risco de estarem vivendo com HIV/AIDS quando comparado aos homens. O objetivo do estudo foi descrever o perfil demográfico e epidemiológico de mulheres vivendo com HIV/AIDS nos Campos Gerais do Paraná. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico realizado no Serviço de Atenção Especializada do Município de Ponta Grossa – PR, no período de 2002 a 2017. Os dados foram coletados a partir de prontuários e fichas de notificação de agravos das mulheres em tratamento no município. **Resultados:** As mulheres da coorte eram em sua maioria brancas, com média de idade de 45 anos e baixa escolaridade. Verificou-se a predominância de mulheres casadas, com comportamento heterossexual e que adquiriram a infecção sexualmente. Foi observada ainda, uma associação entre o comportamento sexual, estado civil e modo de transmissão e constatado um aumento 1.35% ao ano da infecção em mulheres. **Conclusão:** É importante que sejam implantadas políticas públicas voltadas para redução da desigualdade de gênero e ações que viabilizem o empoderamento feminino.

Introdução

Segundo o Boletim Epidemiológico HIV/AIDS (2018), entre 2002 e 2008, a razão entre os sexos no Brasil era de 15 casos em homens para cada 10 casos em mulheres, a partir de 2009 o número de casos em mulheres reduziu, mostrando 22 casos de HIV/AIDS em homens para cada 10 casos em mulheres em 2017. Esta razão possui significativas diferenças regionais, haja vista que no Sul há mais casos em mulheres quando comparado a outras regiões como Sudeste e Centro-Oeste (BRASIL, 2019). Desde o início da infecção pelo HIV, mulheres profissionais do sexo representavam parte dos dados epidemiológicos da doença, entretanto, um número cada vez mais alto de mulheres que não trabalham como profissionais do sexo passou a configurar as estatísticas, contribuindo para o processo denominado “feminilização” da epidemia (VILLELA; MONTEIRO, 2015). A desigualdade de gênero, que intensifica o poder masculino, reflete em reações estigmatizantes sofridas por mulheres vivendo com HIV/AIDS, onde são frequentemente culpabilizadas pela contaminação e acusadas de infidelidade (ANDRADE; IRIART, 2015).

O poder desigual nas relações configura um cenário importante na epidemia do HIV/AIDS no gênero feminino. Observa-se que muitas mulheres possuem dificuldade na negociação do uso de preservativo com seus parceiros que muitas

vezes recusam o uso do mesmo (PULERWITZ , MATHUR , WOZNICA, 2018).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi descrever o perfil demográfico e epidemiológico de mulheres vivendo com HIV/AIDS em tratamento antirretroviral nos Campos Gerais do Paraná.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo coorte realizado em mulheres vivendo com o Vírus da Imunodeficiência Humana e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS), em tratamento antirretroviral no Serviço de Atenção Especializada do Município de Ponta Grossa – PR, (SAE). Os dados foram levantados com base nos registros de 504 prontuários e as fichas de notificação de agravos de mulheres em tratamento antirretroviral no período entre 2002 e o primeiro semestre de 2018. Foram excluídos 163 prontuários nos quais não constavam as variáveis de interesse para o estudo ou que estavam sendo utilizados para consultas.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram transferidos para planilha do Microsoft® Excel e utilizados os seguintes testes estatísticos: Teste exato de Fisher e Shapiro-Wilk .

A pesquisa foi autorizada pelo Núcleo Permanente de Atualização e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Ponta Grossa, é parte do estudo “Determinação do risco cardiovascular pós-terapia antirretroviral em pacientes com síndrome da imunodeficiência adquirida na região Centro Sul do estado do Paraná” (484276/2015) e seguiu todas as recomendações da Comissão de ética em pesquisa com seres humanos.

Resultados e Discussão

As mulheres da coorte eram em sua maioria brancas (81,3%), com média de idade de 45 anos (dp=12). Verificou-se que 65,1% (n=328) apresentavam escolaridade até o ensino fundamental e apenas 4,2% (n=21) possuíam ensino superior. Com relação às características relacionadas ao estado civil, comportamento sexual e o modo de transmissão da doença, observou-se a predominância de mulheres casadas (45%), com comportamento heterossexual (84%) e que adquiriram a infecção sexualmente (89%).

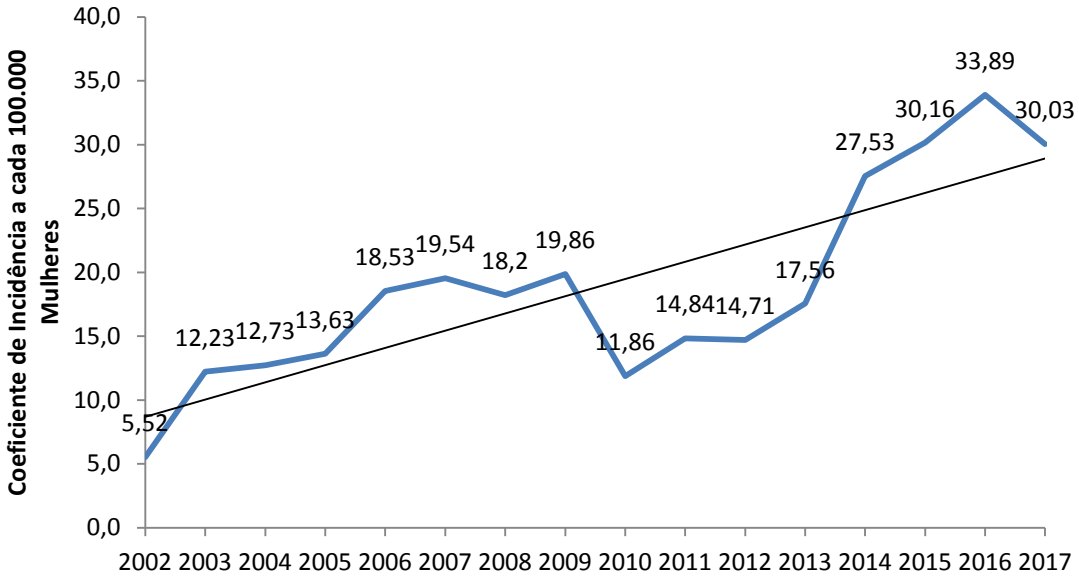
No estudo, ao avaliar a relação entre comportamento sexual, escolaridade, raça/cor, estado civil e modo de transmissão, verificou-se associação entre Comportamento sexual e estado civil casada (p=0,004) e o modo de transmissão sexual (p=0,001).

No ano de 2002 a razão entre os sexos era de 1,1 casos em homens para cada um 1 caso em mulheres, enquanto que no ano de 2009 houve um crescimento no número de mulheres vivendo com HIV/AIDS no município, passando a 0,5 casos em homens para cada 1 caso em mulheres. Entre os anos de 2010 e 2017 o número de casos em homens foi superior ao de mulheres.

A pesquisa apresenta um aumento linear no coeficiente de incidência do HIV/AIDS ao longo do tempo, no ano de 2002 e 2017 os coeficientes de incidência variaram respectivamente de 5,5 para 30,0 casos para cada 100.000 mulheres. Verificou-se também mudanças na dinâmica da epidemia no período estudado, com crescimento entre os anos de 2002 a 2009, queda dos coeficientes no período de 2010 a 2013, sendo os maiores coeficientes observados entre os anos de 2014 a 2017, com maior coeficiente de incidência para o ano de 2016 (33,9 casos para cada 100.000 mulheres). (Figura 1)

ISSN 1676-0093

Figura 1- Incidência HIV/AIDS em mulheres sob Tratamento Antirretroviral no SAE/CTA, Campos Gerais, 2002-2017.



O grau de escolaridade gera um importante impacto na saúde das mulheres, pois apesar dos diferentes meios de informações existentes, como jornais, revistas e internet, o acesso restrito à educação dificulta a compreensão das mensagens educativas referente à prevenção e tratamento de doenças (MACIEL; BIZANI, 2014). Além disto, baixa escolaridade limita a compreensão a cerca dos riscos decorrentes de uma infecção e também influencia no uso de preservativo, uma vez que quanto maior o grau de instrução maior será sua autonomia para exigir o uso do mesmo (ANDRADE; RIBEIRO, 2013). A associação existente entre o comportamento sexual, estado civil e o modo de transmissão, mostra o contexto de vulnerabilidade em que as mulheres estão inseridas. Em um estudo internacional que teve objetivo de estudar a desigualdade de gênero e a transmissão do HIV, foi observada uma correlação significativa entre o comportamento heterossexual e a desigualdade de gênero (RICHARDSON et al., 2014).

Houve uma variação no número de diagnósticos de HIV/AIDS em mulheres ao longo dos anos. Estas sofrem diversos estigmas na sociedade, onde são frequentemente culpabilizadas pela infecção, acusadas de infidelidade, uso de drogas e vários parceiros. Isto faz com que essa população se isole, fazendo com que diminua a procura por diagnóstico e tratamento do HIV/AIDS (KAMEN et al., 2015).

No Brasil nota-se uma tendência de queda na taxa de detecção do HIV/AIDS em mulheres, porém esta tendência possui divergências regionais, tendo em vista que na região Sul existe mais casos de mulheres vivendo com HIV/AIDS quando comparado a outras regiões (BRASIL, 2019). Na cidade de Ponta Grossa, ao contrário do cenário brasileiro, verifica-se uma tendência de aumento na incidência de mulheres vivendo com HIV/AIDS.

Conclusão/ões

A apresentação de dados atualizados a cerca de mulheres vivendo com HIV/AIDS no município, possibilitou novas reflexões voltadas ao acolhimento e atendimento a esta população que constantemente sofre preconceitos e necessita do apoio dos

ISSN 1676-0093

profissionais da saúde para o enfrentamento e quebra dos estigmas, a fim de garanti-las maior autonomia.

Agradecimentos
Agradeço o meu professor Orientador Erildo Vicente Muller pela oportunidade e aprendizado. Os alunos do grupo de pesquisa e os funcionários do Serviço de Assistência Especializada – SAE do Município de Ponta Grossa pela colaboração na coleta e disposição dos dados.

Referências
BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico HIV/Aids 2018.** Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 16 maio 2019.
VILLELA, W. V.; MONTEIRO, S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 3, p. 531–540, 2015. Secretaria de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <http://www.iec.pa.gov.br/template_doi_ess.php?doi=10.5123/S1679-49742015000300019&scielo=S2237-96222015000300531>. Acesso em: 30/5/2019.
ANDRADE, R. G.; IRIART, J. A. B. Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 3, p. 565–574, 2015. FapUNIFESP (SciELO).
PULERWITZ, J.; MATHUR, S.; WOZNICA, D. How empowered are girls/young women in their sexual relationships? Relationship power, HIV risk, and partner violence in Kenya. **PloS one**, v. 13, n. 7, p. e0199733, 2018. Public Library of Science. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30024908>. Acesso em: 30/5/2019.
MACIEL, Maria Luiza; BIZANI, Delmar. Perfil das Mulheres que solicitam Teste Anti-Hiv no Centro de Testagem e Aconselhamento de Canoas, Rs. **Mouseion**, Canoas, v. 17, n. 1, p.113-126, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1528/1062>. Acesso em: 15 maio 2019.
ANDRADE, Jaqueline de; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Feminização do hiv/aids e suas consequências: saberes necessários. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p.937-944, 2013.
RICHARDSON, Eugene T et al. Gender inequality and HIV transmission: a global analysis. **Journal Of The International Aids Society.** Estados Unidos, p. 19035-19040. jun. 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4074603/pdf/JIAS-17-19035.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.
KAMEN, Charles et al. HIV-related stigma: implications for symptoms of anxiety and depression among Malawian women. **African Journal Of Aids Research**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.67-73, 2 jan. 2015. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.2989/16085906.2015.1016987.